

A TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO *ADVÉRPIO* > *CLÍTICO* NO USO DOS PRONOMES *AÍ*, *ALI*, *AQUI* E *LÁ*

Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq)
Milena Torres de Aguiar (UFF)

INTRODUÇÃO

Neste artigo, procedemos à descrição e à análise interpretativa do processo de derivação semântico-sintática que conduz à mudança categorial dos quatro mais freqüentes pronomes adverbiais locativos da língua portuguesa – *aí*, *ali*, *aqui* e *lá* - para a classe dos clíticos. Trata-se, conforme Braga e Paiva (2003), de outro *cline* de derivação, com uso produtivo no português contemporâneo do Brasil, porém distinto da já clássica trajetória *advérbio* > *conector* de que se ocupam a maioria das pesquisas acerca da gramaticalização.

Partimos da hipótese de que a trajetória *advérbio* > *clítico* é resultante de pressões metonímicas, relativas ao contexto de ordenação dos pronomes referidos e sua conseqüente reanálise como parte constitutiva do SN antecedente, e de pressões metafóricas, referentes ao grau de abstratização do sentido locativo desses elementos em tais contextos. Essa concepção da intrínseca relação entre sintaxe e semântica, entre ambiente estrutural e derivação de sentido, encontra-se respaldada em Traugott e Dasher (2005), para quem metonímia e metáfora são entendidas como dimensões de um mesmo processo. Ainda conforme os referidos autores (2005: 29), a metaforização é resultante ou efeito da mudança metonímica.

Consideramos também que a função clítica assumida pelos pronomes aludidos é resultante, por outro lado, de estratégias de subjetivação, no âmbito da *invited reference* (Traugott e Dasher, 2005: 44). Em outras palavras, é desencadeada por sentidos produzidos a partir de combinações semânticas no contexto discursivo. Pela subjetivação, os locutores marcam suas produções lingüísticas com termos de sentido mais comunicativo ou textual; nessa marcação, atuam crenças, atitudes, mecanismos de persuasão, de evidencialidade, de modalização, entre outros. Nesse sentido, entendemos que a função clítica assumida por *aí*, *ali*, *aqui* e *lá* tem a ver também com esse tipo de efeito primariamente retórico, que, uma vez assumido pela comunidade lingüística, regulariza-se nas produções em geral, passando a constituir novo padrão gramatical.

Nossa perspectiva de análise é basicamente sincrônica, a partir de textos falados e escritos produzidos pela comunidade estudantil fluminense¹. Trabalhamos com dados provenientes do *Corpus* “Discurso & Gramática” das cidades do Rio de Janeiro (93 informantes) e de Niterói (20 informantes), coletados na década de 90 e disponibilizados no site www.uff.br/d&g.

Na primeira seção, tratamos da derivação funcional *dêixis* > *foricidade* > *cliticização* e suas implicações em termos da unidirecionalidade do processo de gramaticalização. Na segunda seção, descrevemos e analisamos uma parte dos dados levantados no *corpus* D&G, com base nas três funções identificadas para os pronomes em análise – dêitica, fórica e clítica, levando em conta os parâmetros de freqüência destas funções também. Por fim, propomos que a função clítica configura processo de gramaticalização dos itens em análise, uma vez que se trata efetivamente de migração para outra categoria mais gramatical, distinta da adverbial, cumpridora, portanto, de outras funções.

¹ Na exemplificação, utilizamos as seguintes siglas: NEP (narrativa de experiência pessoal); NR (narrativa recontada), DL (descrição de local), RP (relato de procedimento) e RO (relato de opinião), acrescido da referência à modalidade oral ou escrita.

1. DA DÊIXIS À CLITICIZAÇÃO

Conforme previsto no processo de gramaticalização (Givón, 2001; Heine e Kuteva 2005; Haspelmath, 2004; Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003), elementos ou construções lingüísticas, no nível do léxico, passam a assumir *status* gramatical, ou, numa complementar perspectiva, elementos ou construções já no âmbito da gramática podem tornar-se mais gramaticais, na articulação de sentidos mais abstratos ou lógicos. Assim, o *cline* analisado neste artigo situa-se na segunda perspectiva citada.

De acordo com esse entendimento, em termos dos usos adverbiais tratados no presente artigo, podemos considerar que a função dêítica seria a originadora dos usos fóricos e, na seqüência, seriam derivados os papéis clíticos. Segundo Batoréo (2000: 244), os pronomes locativos adverbiais teriam como “função elementar” a localização do objeto, a detecção de linha de orientação e a síntese do espaço, numa atividade de referenciação fundada no egocentrismo, porque relativa à posição do emissor. A centração no emissor manifesta-se no critério de classificação desses constituintes, que partem das posições mais próximas a quem profere os enunciados (*aqui* > *aí* > *ali*; *cá* > *lá*).

Assim, a dêixis, o apontamento para o contexto externo, é considerado o uso mais básico dos pronomes adverbiais locativos, como no fragmento a seguir:

- (1) “ ‘eh: : isso é um assalto... você me dá o seu dinheiro que você tem *aí*: : e **esse relógio *aí***”... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP escrita)

No trecho destacado em (1), o informante relata um assalto por que passou e reproduz a fala do assaltante. Nessa declaração, articula a seqüência *esse relógio aí*, em que o locativo aponta efetivamente para o objeto no pulso da vítima. Assim ordenado, imediatamente após o SN e escopando este constituinte, passa a ser licenciada a reanálise do locativo, no que Tavares (2006) considera sua função *especificadora*. Embora ainda não se possam classificar efetivamente usos como o ilustrado em (1) como clítico, consideramos que contextos lingüísticos como esse motivam ou ensejam a reanálise do locativo.

O *cline* de derivação funcional dos pronomes adverbiais locativos tem nos papéis fóricos seu segundo ponto de aterrisagem. Nesse uso, ganha relevo a referência textual, uma vez que o apontamento se volta para o contexto lingüístico, para elementos componentes da própria tessitura textual, como em:

- (2) “ele conheceu um... **um cara lá** em Friburgo... que roubaram o carro dele... há pouco tempo *aqui* em Fri/ *aqui* no Rio...” (Rafaela – 24 anos – RJ – NR oral)

Em (2), o locativo *lá* é preenchido semanticamente pelo Sprep *em Friburgo*; trata-se de um tipo de estratégia, conforme Paiva (2003), marcado pela superespecificação da referência espacial e motivado por certo “esvaimento” de sentido do pronome locativo, que necessitaria, para a completude de sua referência, do Sprep também de valor locativo. Para a autora, esse recurso semântico-sintático é sintoma da dissociação entre a função dêítica e a anafórica dos pronomes locativos, uma vez que, em trechos como (2), prevalece a função fórica ou textual desses constituintes. O fato de, no exemplo tratado, o pronome *lá* seguir o SN *um cara* constitui contexto favorecedor da reanálise dessa partícula como clítico.

No exemplo seguinte, o movimento referencial do locativo volta-se para trecho já referido:

(3) **minha escola é legal... eu gosto de alguns professores... tem professores ruim [...] porque a diretora dali é muito rígida...**” (Afonso – 15 anos – Niterói – RO oral)

Na construção *a diretora dali*, o locativo final refere-se anaforicamente ao SN *minha escola*, mencionado no trecho inicial do aluno. A distância entre os dois constituintes – o SN *minha escola* e o pronome *dali*, aliado ao fato de este pronome escopar outro SN, *a diretora*, sucedendo-o, cria condições para que essa nova configuração, *a diretora dali*, seja reanalisada como uma unidade pré-fabricada - UFP (Erman e Warren, 2000), ou seja, um todo de sentido e de forma, uma construção mais fixa de tipo *lexical*, segundo os autores referidos.

Por fim, como estágio mais avançado de derivação semântico-sintática, configurando mudança lingüística ou gramaticalização, temos os chamados usos *clíticos* do pronome locativo. Nessa função, o elemento passa a atuar como forma dependente do SN a que sucede, compondo com este uma UPF, uma construção semântico-sintática na qual o pronome locativo passa a atuar, nos termos de Tavares (2006), como papel especificador, escopando esse SN. Trata-se de construções como a seguinte:

(4) “tenho... tenho muito... até **essas menininha aí** que... que... que não gosta de falar com... com menino... fala... que a professora até falou “ó não precisa ter vergonha... e vai falar com todo mundo” aí todo mundo fala...” (Flávio – 10 anos – Niterói – RO oral)

No fragmento acima, o informante comenta sobre um tipo específico de alunas de seu colégio – *essas menininha aí*. Afastado do constituinte verbal e posposto ao SN *essas menininha*, o pronome *aí* passa a escopar tal SN, concorrendo para atribuir alguma especificação à construção. Por outro lado, a acentuada derivação semântico-sintática não cancela totalmente a referência locativa original de *aí*. Tal situação configura o caráter polissêmico do pronome, no âmbito da metáfora, e destaca o papel do contexto lingüístico, em termos de metonímia, como motivador da derivação de sentido *espaço > texto* verificada.

O uso clítico, exemplificado em (4), configura gramaticalização, uma vez que os traços da classe adverbial esvaem-se em prol do ganho de marcas da forma dependente especificadora. Do nível sintático migra-se para o nível morfológico, numa etapa mais avançada do ciclo funcional. A relativa mobilidade sintática diminui ou mesmo cessa, por conta da natureza mais rígida das relações morfológicas.

2. A CONSTRUÇÃO SN + PRONOME LOCATIVO

Nesta seção, passamos a apresentar os dados da construção SN + pronome locativo levantados exaustivamente no *corpus* D&G das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. Nessa descrição, trabalhamos mais especificamente com o viés qualitativo e levamos em conta os três papéis referidos na seção anterior – o dêitico, o fórico e o especificador.

2.1. Função dêitica

A função dêitica dos advérbios pronominais locativos concorre para situar e identificar os objetos, as pessoas, as atividades, os eventos e processos em relação ao contexto de espaço, tempo e pessoa mantidos durante a enunciação, como em (1), apresentado anteriormente. A dêixis ocorre como se apontássemos para algum ponto, para mostrar algo ao nosso interlocutor, e os locativos exercem com eficiência tal função. Observemos alguns fragmentos em que os locativos estão seguidos de um SN (ou pronome substantivo) atuando como dêiticos:

- (5) meu antigo supervisor começou a sacaniar o estagiário falando assim: “olha o **arruda aí** André” (André – 24 anos – RJ – NEP escrita)
- (6) aí ele falou assim “agora tu vai deixar **essa sacola aqui...** (Roberto – 15 anos – RJ – NEP oral)
- (7) tem a rede também... (fico) entre a rede e **essa cadeira aqui...** eh::... a cadeira é o melhor lugar pra estudar... (Érica – 24 anos – RJ – DL oral)
- (8) eh... uma coisa triste... mas que quando eu tinha três anos... eu caí... aí tá até a **cicatriz aqui...** (Aline – 7 anos – Niterói – NEP oral)
- (9) **aquilo ali** não é perfume não... **aquilo ali** são uns sucos assim... (Alex – 29 anos – Niterói – NR oral)

Podemos perceber, no exemplo anterior (9), que o locativo *ali* por duas vezes ordena-se depois do pronome demonstrativo *aquilo*. Jungbluth (2001) afirma que o português brasileiro, em seu uso informal, reconstitui a tríade dêitica através da formação de sintagmas ao redor dos advérbios locativos. Assim o par dicotômico *esse x aquele* seria reconstruído na tríade: *esse aqui; esse aí; aquele lá*. Segundo a autora, trata-se de estratégias retóricas, enfáticas, comuns à língua falada, que atuam como modos compensadores da perda de informatividade ou imprecisão das formas *esse* e *aquela*. Podemos observar essa construção em mais dois exemplos:

- (10) **esse aqui?** não... **esse aqui** eu não gostei muito... (Mônica – 23 anos – RJ – RP oral)
- (11) o Bocão chega pro Gigio e pergunta preocupado onde estão as ‘mulheres’, ‘são **aquelas ali** se afogando?’” (Regina – 23 anos – RJ – NR – Parte Escrita)
- (12) sabe o que que é? é porque **esse meu colega aqui...**” era o garoto que estava com ele... “**‘esse meu colega aqui...** ele:: diz que vê você passando todos os dias aqui na rua... e::... estava a fim de te conhecer... (Queli – 15 anos – RJ – NEP oral)

Segundo Dahl (2001), ao articularem construções como as destacadas em (10), (11) e (12), os usuários “inflacionam” sua interação, adotando maior quantidade de forma como garantia de entendimento de sentidos desgastados, devido à alta frequência de uso. Pode-se ainda relacionar este fato ao subprincípio icônico da quantidade (Givón, 2001), de acordo com o qual quanto maior, mais imprevisível ou mais relevante for a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma utilizada na codificação dessa informação.

Destacamos também que, dos nove fragmentos que aqui ilustramos da função dêitica, a grande maioria é representativa da modalidade oral e se articula em textos narrativos, na representação do discurso direto, o que é indicador da marca interacional desse tipo de uso. Os demais dados dessa função partilham a mesma tendência.

2.2. Função fórica

A partir do momento que os locativos enfraquecem sua função na indicação de lugar, passam a assumir sentidos menos concretos, já em plano textual, atuando como elementos de coesão do discurso, na articulação da relação fórica, como catáfora ou anáfora. Para a descrição desse uso, vamos apresentá-lo de acordo com os dois mecanismos referidos.

2.2.1. Catafórica

O advérbio catafórico introduz informação nova, ou seja, tem sua referência preenchida no contexto lingüístico seguinte. Ao contrário do uso anterior, o que há nesse caso é uma imprecisão referencial, como se o falante percebesse que o locativo por si só não fosse capaz

de referir o lugar. O usuário, para se fazer entendido utiliza, portanto, um SPrep preenchedor dessa referência, tal como verificamos em (2), anteriormente citado.

Nos fragmentos a seguir, ilustram-se os usos catafóricos mencionados:

(13) ó que ela... ela... ela::... tipo... estava nam/ começou a namo/ namorou não... ficou com o **cara lá** no carnaval (Mônica – 23 anos – RJ – NR oral)

(14) a decoração estão comprando todos os **móveis lá** na Tok & Stok... (Daniel – 22 anos – RJ – DL oral)

(15) eu... mais... juntamente com... uma e... **uma equipezinha daqui** da escola mesmo... dos estudantes... se reúne... eh::... pega as fofocas... os recados que está... rolando aí com o pessoal da escola... (Margarete – 20 anos – Niterói – RP oral)

(16) eu acho que o problema é ele governar bem...ele ser um... um político que está::... dando conta **do recado lá** no país dele... (Eliane – 35 anos – Niterói – RO oral)

(17) eu ainda descí... fui na casa de um outro colega meu... pra gente ver se... se ele conhecia **alguém ali** de dentro... pra ver se conseguia pegar o relógio de volta... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP oral)

(18) se você vier até o **Arnaldo Eugênio ali** no campo mundial... (Queli – 15 anos – RJ – NEP oral)

Esses fragmentos exemplificam o que Paiva (2003) nomeia de *superespecificação* situacional. Segundo Oliveira (2007, p. 6) “não se trata de uma estratégia de ênfase, de acúmulo de informação espacial, uma vez que os locativos, em tais contextos, já estariam esvaídos de sua referenciação básica, papel cumprido mais efetivamente nessas estruturas pelo termo nominal subsequente.” Nesse sentido, os SPreps *no carnaval, na Tok & Stok, da escola, no país dele, de dentro e no campo mundial*, pospostos ao locativo nos exemplos anteriores, é que cumprem, efetivamente, a referência de lugar, como especificadores do espaço articulado.

Em (18), observamos que a efetiva expressão de lugar está contida no constituinte verbal *vier*. Tal observação reforça a interpretação dos pronomes adverbiais locativos como *reforço situativo-comunicativo* (Batoréo, 2000), uma vez que assumem papel secundário na referenciação de lugar, que acaba sendo cumprida pelo constituinte verbal.

Como ponto comum aos usos dêiticos, prevalecem nesse grupo os segmentos narrativos na modalidade oral.

2.2.2. Anafórica

Em função textual anafórica, os locativos recuperam informações anteriores, conferindo ao contexto lingüístico maior coesão, como ilustramos em (3) anteriormente. Muitas vezes, durante o levantamento dos dados, observamos que uma palavra com referência de lugar² era apresentada no início da entrevista, e o entrevistado articulava posteriormente o locativo para retomar essa referência, tal como:

(19) o lugar que eu mais gosto de ficar... é no **Ola/ no baile do Olaria**... porque lá eles usam/ é um baile que eles usam o clube todo... tá entendendo? pra... pra dar o baile... e:: você tem **várias opções de diversão lá**... tá entendendo? você não pode/ você não fica num único lugar... você tem lá/ em cima você pode/ em cima tem um (quarto) que você usa/ lá tem o:: toca () negócio de funk mesmo... embaixo tem o/ eles usam pro reggae... pro rock... tá

² Nos exemplos de anáfora, para maior facilitação e visualização do movimento retroativo ilustrado, negritamos os referentes nominais que são retomados posteriormente.

entendendo? Em frente ao reggae e rock tem um: / **a... parte das piscinas lá** tem... piscina pro pessoal... (Wagner – 18 anos – RJ – DL oral)

(20) **na escola/ na minha escola...** tá:: caidinha... né? tá precisando de uma reforma... mas o estado... não colabora em nada... os professores se queixam e tudo... tem professores muito **bons aqui...** mas que estão saindo do colégio por falta de material...(Maria de Fátima – 22 anos – RJ – RO oral)

(21) Gostaria também que pintassem **a escola**, consertassem as carteiras e que o salário dos professores fosse aumentado para que eles trabalhassem com mais vontade. **Os professores daqui** são muito bons, muito dedicados, merecem um salário melhor. (Paula Fernanda – 15 anos – RJ – RO escrito)

(22) aí eu cheguei **em casa...** tá... aí eu passei assim pela janela... estava **todo mundo lá** chorando e a casa cheia... (Viviane – 15 anos – RJ – NEP oral)

(23) o/ quem me contou... foi o... Fábio Miguel... lá na **minha sala de aula...** ele::... noutro dia estava contando **a história ali...** que... tinha um dinheiro pra botar lá na/ no banco do pai dele... (Fábio Luiz – 13 anos – RJ – NR oral)

(24) eu não gosto assim... de ir a um **restaurante** e me esconder...então eles escolheram assim... **um cantinho lá::...** e eu estava querendo sentar já numa mesa... estava tudo bonito... com flores... com garfos... (Eliane – 35 anos – Niterói – NEP oral)

(25) o lugar que eu gosto de ficar... passeando né...é: : tipo assim férias pra pra: : **Araruama** né... Região dos Lagos ali a minha tia tem uma casa ali em Araruama.. então a casa fica na **beirada da lagoa ali** é muito gostoso... essa casa é uma casinha... não muito grande... mas ela tem... tem dois quartos... tem a sala... mas **o lugar ali** que eu mais gosto é a : : exatamente a varanda dela que dá de frente pro mar... **no caso ali** você não chega a pegar o sol... da tarde... mas você vê **o nascente do sol ali...** nascendo lá embaixo no horizonte do... da lagoa né no mar... (Marcelo – 19 anos – Niterói – DL oral)

Registramos também casos em que o locativo faz remissão a tudo ou quase tudo que havia sido dito, como se fosse uma forma de resumir a sua fala, com a marcação do término do texto. Observemos:

(26) eu acho isso uma grande besteira... entendeu? essa coisa de.../ **eu acho que a vida sexual das pessoas pertence a elas... entendeu? acho que os Estados Unidos é um país muito hipócrita... sabe? e:: eu acho que::... acho que se ele está governando o país bem... entendeu? não interessa o que faz com o Terceiro Mundo... mas se ele está governando bem os Estados Unidos... o povo americano... eu acho que não é porque ele é homossexual... ou ele:: ou ele... trai a mulher... isso aí** é uma coisa irrelevante pra mim... entendeu? (Eliane – 35 anos – Niterói – RO oral)

(27) **através dessas pessoas que têm autoridade...** delas que teriam que vir a::/ **o problema...** né? **a resolução do problema...** né? através deles que deveriam vir **isso aí...** não... das pessoas... né? (Roney – 19 anos – RJ – RO oral)

Quanto mais se acentua o mecanismo anafórico, na retomada de fatias mais extensas de texto e no distanciamento do locativo do verbo que deveria escopar, maior o grau de abstratização do locativo, acentuando-se sua polissemia, como nos fragmentos (26) e (27) apresentados anteriormente.

Dos dez trechos aqui ilustrados do locativo pós SN em função anafórica, como nas subseções anteriores, encontra-se maior frequência na modalidade oral. Por outro lado, a referência anafórica, na metade desses fragmentos, ocorre em relato de opinião. Consideramos que essa incidência distinta tem a ver com o nível de coesão do texto opinativo, em que os informantes discorrem acerca de um determinado tema. O locativo, nesse tipo de

contexto lingüístico, atua como mecanismo de retomada de referentes sobre os quais se fazem declarações.

2.3. Função clítica

Os locativos em função clítica, como mencionamos e exemplificamos em (4), encontram-se fortemente vinculados ao SN que os antecede, na formação de uma UPF. Esses termos estão mais esvaziados de sentido espacial e se unem a outros termos, como formas dependentes, num construto unitário de sentido e forma. Segundo Paiva (2003, p. 133) “essa indissociabilidade é caracterizada pela ausência de pausa entre eles e pela não ruptura de adjacência através da inserção de um outro elemento.”

No uso clítico, não se pode recuperar efetivamente o papel dêitico ou fórico dos locativos, que parecem atuar de modo mais evidente na especificação do SN.

Vejam, a seguir, alguns dados levantados do *corpus* D&G relativos a esse papel:

(28) apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era **uma doença lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (Érica – 24 anos – RJ - NR oral)

(29) a receita de panqueca é mais ou menos parecida... só não leva fermento e você vai **na frigideira ali**... aí você pode rechear também de mil maneiras... (Regina – 23 anos – RJ – RP oral)

(30) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida aqui**... que... quando eu faço até que... (Fábio – 18 anos – RJ – RP oral)

(31) o motorista pegou e foi embora... deixou ela sozinha... e ela com a maior vergonha e todo mundo rindo da cara dela lá no meio da rua e ela sem graça ((riso)) aí foi isso... sabe? ela teve que/ ela depois teve que pegar **o ônibus lá**::/ teve que andar pra caramba pra pegar outro ônibus porque dali todo mundo já ia encarnar nela... (Flávia – 19 anos – RJ – NR oral)

(32) quem vai ficar rico aí são vocês... vocês que são **ricos aí**... (Yuri – 18 anos – RJ – NR oral)

(33) quando eu estou triste também eu ligo... boto música **no último volume lá** de rock... (Nilson – 14 anos – RJ – DL oral)

(34) é pra limpar cozinha... e comprar os livros... porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que **uns cinco livros aí**... porque ninguém estava pagando caixa escolar... (Ana Caroline – 11 anos – RJ – RO oral)

(35) ‘oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...’ ” aí elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... uma... **reza lá**... e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada... (Angela – 12 anos – RJ – NR oral)

(36) tem um palhaço lá na parede... tem um pa... papel escrito umas frases que eu ganhei na **igreja aqui**... né? que eu estudava na igreja antes de vir pro colégio... (Rosilda – 22 anos – RJ – DL oral)

(37) esses moleques mata... sabe? tudo mafioso... sabe? aí falaram... falaram... que iam matar ele... não sei o quê... () até ficaram de aparecer hoje aqui no colégio... **os cara lá** que ele brigou... (Roberto – 15 anos – RJ – NR oral)

(38) **uma mulher lá**... eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né?” (Juliana – 7 anos – RJ – NR oral)

(39) eu estava lá dentro... lá... lá... lá no quintal assim de casa e... aí fingindo que minhas filhas foram... foram no portão... mas só que meu portão de verdade... mas só... que aconteceu

- lá... **uma menina lá**... um/ ela estava correndo... ela subiu assim correndo... pra cima assim/ (Suellen – 8 anos – RJ – NR oral)
- (40) começamos a (anotar) ((riso de E)) começamos a (anotar)... se quiser eu passo o vídeo... aí tinha que mostrar pro... pro... pro **diretor lá** que estava organizando a... a... peça... né? (Pablo – 17 anos – Niterói – NEP oral)
- (41)... eu vou descrever o:: Fórum Cultural... foi onde eu estudei... em noventa e oito... inteiro... ele é um lugar muito bonito... vou te explicar **a divisão aqui**... você::... ao chegar... você entra... (Pablo – 17 anos – Niterói – DL oral)
- (42) isso me lembra de **um amigo aqui** que... trabalhava aqui com a gente...” (Marcelo – 19 anos – Niterói – NR oral)
- (43) quando é noite de lua cheia então fica uma lua cheia crescendo bonita e : também por ser beirada de praia gostoso.. entendeu? então ess/ **essa varanda ali**... é muito bom ficar ali... (Marcelo – 19 anos – Niterói – DL oral)
- (44) aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou **o clima lá**... né? aí passou... /quer dizer... a minha parte com o Rogério... não com o Geovane e com a minha irmã...” (Mariana – 15 anos – Niterói – NEP oral)
- (45) ah... **aquilo dali** acho que nem pode ser chamado de banheiro... parece até... sei lá... um banheiro público... (Mariana – 15 anos – Niterói – RO oral)
- (46) ... inclusive... semana passada ou retrasada no **horário de aula aqui**... morreu um cara aqui na frente... (Isabelle – 15 anos – Niterói – RO oral)
- (47) as professoras daqui são muito inteligente e as professoras sendo inteligente... ensinam mais às crianças... do que as professoras que não sabem pra/ não dá pra ensinar... por isso é muito bom... é **um CIEP aqui**/ tem muita gente legal... muita gente bonita... (Elizângela – 10 anos – Niterói – RO oral)
- (48) tinha **garota lá** que botava fantasia... que tinha num baú assim... [...] tinha também um:: **um troço lá**... que a gente subia... ele pulava... né? um:: uma/não sei se ele pulava ou andava [ahn] é um troço assim:: (Luiz Eduardo – 7 anos – Niterói – DL oral)

Segundo Braga e Paiva (2003), os exemplos anteriores configuram a função clítica dos pronomes locativos, num estágio avançado da polissemia desses termos. Conforme se define no processo de gramaticalização, tais constituintes migram para outra classe: a dos clíticos, cumprindo a trajetória *advérbio* > *clítico* ou ainda *sintaxe* > *morfologia*.

Os 22 fragmentos dessa função mais gramaticalizada apresentados nesta subseção foram produzidos na modalidade oral e em tipologia textual variada. O fato de esse uso se concentrar em textos falados pode ser indício de sua trajetória mais recente na língua, não tendo atingido ainda, pelo menos no material em análise, a modalidade escrita. Por outro lado, trata-se do uso mais freqüente obtido para a ordenação SN + locativo, o que aponta a produtividade da função clítica.

3. FUNÇÃO CLÍTICA E POLIGRAMATICALIZAÇÃO

De acordo com Braga e Paiva (2003), consideramos que a trajetória *advérbio* > *clítico* é motivada originalmente pelo uso dêitico dos pronomes adverbiais locativos. Por outro lado, como ilustramos nesse artigo, não é possível desconsiderar a influência dos movimentos fóricos – catáfora e, mais acentuadamente, anáfora – nessa derivação semântico-funcional.

Segundo nosso ponto de vista, a interpretação dos dados nos conduzem à relevância dos parâmetros estruturais, ou metonímicos, para a fixação da função clítica. Ao se colocar o locativo após o SN, num tipo de arranjo sintático fora do uso prototípico adverbial, de tendência pós-verbal, estabelecem-se condições que permitem a reanálise desse constituinte como forma dependente e mesmo integrante do SN, compondo com este um todo de sentido e

forma. Trata-se, realmente, de uma trajetória distinta daquela que aponta a migração *advérbio* > *conector*, configurando poligramaticalização. Segundo Braga e Paiva (2003), tal mudança lingüística altera a localização das fronteiras dos constituintes e a sua referência. Nesse contexto, os locativos passam a compor um SN, geralmente indefinido, codificando informação recuperável, numa trajetória que tem como pontos de aterrissagem contextos como os seguintes:

- (i) aí ele falou assim “agora tu vai deixar **essa sacola aqui**... – advérbio dêitico / noção de lugar
- (ii) se você vier até **o Arnaldo Eugênio ali** no campo mundial... – advérbio catafórico / noção de lugar na referência ao lado
- (iii) aí eu cheguei em casa... □ a... aí eu passei assim pela janela... estava **todo mundo lá** chorando e a casa cheia... – advérbio anafórico / elemento coesivo porém retomando a idéia de lugar anterior
- (iv) **uma mulher lá**... eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né? – clítico / esvaído da idéia de lugar

Percebemos que há um contínuo ou uma cadeia de conceitos minimamente diferenciados. Por exemplo, em (i), como dêitico, a noção de lugar é claramente percebida; em (ii), como advérbio, já se acentua a função textual catafórica do locativo, porém ainda há alguma idéia de lugar conferida pelo SPrep posposto, ao qual o locativo se une; em (iii), como advérbio anafórico, o papel textual prevalece; em (iv), como clítico, a noção espacial encontra-se mais abstratizada.

Podemos perceber ainda, a partir dos quatro usos ilustrados nesta seção, a atuação dos subprincípios icônicos de proximidade e de ordenação linear. Consideramos que, se os falantes colocam os locativos próximos aos SNs, é porque mentalmente esses pronomes se encontram próximos, já que o grau de liberdade relativa na sintaxe é indício do grau de integração entre os componentes cognitivos desses constituintes sintáticos. De outra parte, em termos de ordenação linear, a colocação pós SN faz que os locativos passem a escopar este constituinte nominal, numa função distante e distinta da prototípica adverbial.

Na interpretação semântica desse locativo situado pós SN, adotamos o parâmetro da *granulidade* (Batóreo, 2000). Esse termo, advindo da Inteligência Artificial, permite-nos dar conta de um interessante aspecto da referência dos locativos, uma vez que distingue dois grandes subsistemas de regiões-de-vizinhança dos conjuntos: vasta e fina/estreita. Assim, no português contemporâneo brasileiro, da granulidade vasta é utilizado com maior regularidade o pronome *lá*, que possui a marca da imprecisão e da indefinição situacional. Portanto, a polissemia desse locativo em expressões como “o cara *lá*” pode ser compreendida por conta de sua vasta granulidade. De outro lado, *aqui*, *ali* e *aí* participam do subsistema de granulidade fina ou estreita, pois com esses locativos a referência de lugar ocorre com maior pontualidade e precisão.

De fato, em termos de frequência, parece-nos que o sistema de granulidade motiva a distribuição dos locativos trabalhados pelos dois conjuntos referidos. Tanto no Rio de Janeiro, com 175 dados, quanto em Niterói, com 49 registros, o locativo *lá* é o mais freqüente após SN; em segundo lugar, vem *aqui*, com 52 registros no Rio e 29 em Niterói. Com menor incidência, encontram-se os locativos *ali*, com 32 registros no Rio e 26 em Niterói, e *aí*, com 41 dados no Rio e 12 em Niterói. Esses números nos informam que a comunidade estudantil fluminense usa preferencialmente o eixo *lá x aqui* para, após SN, articular a referência locativa vasta ou fina/estreita, respectivamente.

Podemos ainda interpretar a tendência de uso desses pronomes como resultante de estratégias de subjetivação (Traugott e Dasher, 2005), uma vez que, ao articular o pronome *lá*

após SN, o usuário informa também seu desinteresse ou pouca importância acerca do referente mencionado, que, via de regra, é antecedido por artigo indefinido e se trata de constituinte com menor relevância discursiva. Por outro lado, o uso de *aqui* concorre, contrastivamente, para a proximidade do SN referido, como se o usuário tivesse mais adesão ao comentário que desenvolve. Retomemos dois dos exemplos para a exemplificação do contraste referido:

(35) ‘oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...’ ” aí elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... uma... **reza lá**... e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada... (Angela – 12 anos – RJ – NR oral)

(30) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida aqui**... que... quando eu faço até que... (Fábio – 18 anos – RJ – RP oral)

Em (39), a aluna Angela relata um episódio; ela está concentrada efetivamente na linha narrativa, nos acontecimentos, assim, menciona de modo vago certos referentes que não conhece e que, por outro lado, não necessitam de maior recorte ou precisão – *um centro lá*, *um negócio lá* e *uma reza lá*. Trata-se de sintagmas que atuam na marcação da pouca adesão ou comprometimento com essas informações, que são na verdade periféricas em relação ao evento maior narrado. Ela menciona *um centro qualquer*, *um negócio qualquer*, *uma reza qualquer*.

Já em (40) o aluno Fábio começa seu relato acerca de uma comida que sabe fazer. Na primeira articulação dessa referência, usa *uma comida aqui*. Nesse contexto, o locativo não somente concorre para a especificação, mas também torna-se estratégia de subjetivação pela proximidade, de relevância do espaço da primeira pessoa propiciado pelo *aqui*; assim, *uma comida aqui* não é qualquer ou irrelevante comida, mas sim aquela que eu sei fazer, que agrada aos demais, aquela pela qual o usuário se faz, inclusive, conhecer.

Do ponto de vista semântico-sintático, portanto, no uso gramaticalizado como clítico, os locativos passam a integrar o SN, atuando na modificação do nome, na formação de *unidades pré-fabricadas* (Erman e Warren, 2000). Segundo Martelotta (1994), esse uso gramaticalizado é caracterizado por uma perda da noção dêitica de espaço em relação ao falante. Com isso, ocorre a *metáfora*, envolvendo abstratização do sentido dos locativos, em que significados de domínios lexicais ou menos gramaticais, como os usos dêiticos, catafóricos e anafóricos, são estendidos metaforicamente e usados em domínios gramaticais ou mais gramaticais, como clíticos, passando a expressar distanciamento subjetivo do falante em relação ao que ele transmite.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATORÉO, Hanna. 2000. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

BRAGA, Maria Luiza e PAIVA, Maria da Conceição de. 2003. *Do advérbio ao clítico é isso aí*. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, (p. 206-212).

- DAHL, O. Inflationary effects in language and elsewhere. 2001. IN: BYBEE, J. e HOPPER, P. (org.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjaming Company: 471-480.
- ERMAN, Britt e WARREN, Beatrice. 2000. The idiom principle and the open choice principle. IN: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, p. 29-62.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. 2003. *Pressupostos teóricos fundamentais*. IN: *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, (p. 29-55)
- GIVÓN, Talmy. 2001. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins
- HASPELMATH, Martin. 2004. On directionality in language change with particular reference to gramaticalization. IN: FISCHER, Olga, NORDE, Muriel e PERRIDON, Harry (org). *Up and down the cline – the nature of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins. (17 – 44)
- HEINE, Bernd e KUTEVA, Tania. 2005. *Language contact na grammatical change*. Cambridge: Cambridge University Press
- JUNGBLUTH, K. 2001. Binary and ternary deictic systems in speech and writing. IN: *Philologie am Netz* 15: 1-24.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de. 2007. *Ordenação de advérbios locativos no português escrito: uma abordagem histórica – Relatório final de pesquisa - CNPq*.
- PAIVA, Maria da Conceição de. 2003. *Proformas adverbiais e encadeamento dêitico*. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, (p. 132-143)
- TAVARES, Maria Alice. 2006. *Abordagem Pancrônica à Gramaticalização de Daí como Conector*. IN: SIGNUM, n.º 9/2. Londrina: Ed. UEL. (p. 245-271)
- TRAUGOTT, Elizabeth e DASHER, Richard. 2005. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.